

O SISTEMA DE ENSINO OU O ENSINO DO SISTEMA

I

A recente atitude dos estudantes do 5º ano, não se pode analisar em bases puramente formais e moralistas: infracção a decisões democráticas colectivas, desonestidade, oportunismo, etc.. Ela reflete uma clara atitude política, visando fins políticos concretos. Não os tendo conseguido fazer vencer no Plenário, não os podendo efectivar através duma proposta de desvinculação ao Plenário, nada mais simples que aprová-los como "concretização do Plenário". E, se não conseguissem efectivá-los através desta habilidade, tentariam qualquer outra pirueta. Para eles, gente "honesto", o que conta é realizar os fins, seja através de que meios for.

O debate centra-se no terreno político, como sempre se centrou.

Qual, portanto, o significado da proposta aprovada pelos estudantes do 5º ano? -- É impor ao debate político determinadas regras de jogo (todo o debate tem, afinal, as suas regras) que lhe transformem totalmente o seu carácter:

1ª Regra: É limitar as discussões ao restrito campo das matérias; é reduzir a iniciativa política dos estudantes; é tornar num debate de "especialistas" as questões políticas mais importantes; é mostrar indiscutível a subordinação hierárquica classista, que nas nossas Escolas define a posição relativa de Profs. e alunos; é situar o debate no terreno que mais convém ao Poder. Na verdade, qual a autonomia de participação do aluno numa discussão em que as armas estão de antemão na discricionariedade do Professor? Qual a liberdade do poder crítico dum estudante a quem não é permitido a exprimir os seus pontos de vista globais sobre a sua posição na Escola e na Sociedade, e a quem não é permitido informar-se senão na bibliografia imposta pelo Professor? Enfim, qual o papel social de um estudante quando mais não lhe resta que aceitar como processo "natural" a repressão e a ^{opressão} cultural de que é vítima?

2ª REGRA: O debate é "avaliado" pelo Prof., quer dizer, censurado. O Professor não se limita a fornecer o conhecimento, tem de o impor. De contrário o que se aprenderia na Escola não interessaria ao Poder, ao Sr. Ministro, à classe exploradora. Ao estudante tem que "se lhe dar" o canudo, i.é. o cetrificado de bom defensor da "Ordem Capitalista".

Em suma: Quando os estudantes progressistas lutam na Escola, a seu modo, contra a posição da Classe dominante e seus Agentes, quando ao iniciar este processo pretende transformar "a ordem natural" da Escola, quando sentem necessidade de discussão política, quando não podem mais permanecer como os fascistas queriam que fossem, eis que os estudantes do 5º ano, vêm, pura e simplesmente, aprovar exames. Vêm, afinal, querer o que a burguesia sempre pretendeu: desviar os estudantes dos reais problemas da sua escola e da sociedade, para os tornar mais dóceis, mais manipuláveis, mais preocupados com os problemas jurídicos, i.é., "da lei e da or-

dem pública". E aceitam esse papel reacçãoário, tanto mais facilmente, quanto sentiam dificuldades" (como todos os pequeno-burgueses sentem) em entrar em confronto directo com o representante da burguesia (o actual M.E.C.), quanto a corrida aos "tachos" é facilitada a muitos deles pela ausência de concorrência de Lisboa.

II

Há forças políticas que apoiam abertamente estas posições. Há Órgãos de Cúpula, com poder de manobra, que, para receberem da Burguesia a classificação de "respeitáveis e sensatos", desarmam o movimento estudantil, digam-no, fazem-no recuar. A troco de miseráveis migalhas que a burguesia lhes concede (porque necessita deles para realizar os seus fins, claro), trabalham na sabotagem de um processo que está em marcha, com o fim de reduzir de qualquer modo e em qualquer grau possível a politicidade dos estudantes e impedirem que, na experiência da luta, o movimento se radicalize e organize.

Eles que, tão ao desbarato, lançam o anátema do "jogo da reacção", não têm o mínimo de exércupulos em "mandar" os estudantes para exames, como se antigas experiências de luta não lhes tivessem ensinado que a organização e consciencialização do movimento estudantil não se conseguem a fazer exames. Se um dia a repressão se abater -- e seja ela da burguesia fascista ou democrática -- na Escola ou em qualquer outro lado, só lhe pode fazer frente a nossa organização e a vontade de luta, só as nossas próprias forças são garantia de defesa.

Afinal, quem faz o jogo da reacção???

III

E como devem actuar os estudantes perante esta manobra? -- Quem presenciou a sua actuação nos dois últimos Plenários ficou inteiramente ciente de que os estudantes de Direito não precisam mais de conselhos, pois estão plenamente esclarecidos. Agora, como nessa altura, eles serão bem claros na sua decisão, pois veem bem que a "nova" proposta do 5º ano é exactamente a "velha" proposta do M.E.C. e a "velhíssima" proposta que o Reitor há muito fez ao 1º ano de Direito.

-PELA PARTICIPAÇÃO NAS BASES POLÍTICAS DE UMA REFORMA DE BASE-

(As Comissões Coordenadoras dos 1º, 2º, 3º, 4º, anos de Direito)

Nota: Amanhã dia 12 realizam-se reuniões de cursos dos 2º, 3º e 4º anos nos Gerais. As Comissões Coordenadoras protestam veementemente contra os indivíduos que destruíram três cartazes que anunciavam estas reuniões. Venha de quem vier, esta atitude só pode ser classificada de pidesca, fascista e reacçãoária.